

Indivíduo e biografia na história oral*

Verena Alberti**

1. O que é história oral?

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado. Inicialmente sua aplicação se dava principalmente nos campos da sociologia e da antropologia e na constituição de bancos de entrevistas, como o da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, criado em 1948. Até os anos 70, a história oral não tinha muitos adeptos na própria história porque havia um certo fetichismo do documento escrito – o fato de ser escrito garantia, segundo se pensava, a objetividade do documento, enquanto uma entrevista gravada estaria carregada de subjetividade. Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico – isto é, de que se deve tomá-la como dado objetivo para entender por que determinados acontecimentos ou conjunturas são interpretados de um modo e não de outro.

A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção); houve um impulso da história cultural e um renascimento da história política (esta última não mais a história dos “grandes feitos” dos “grandes homens”, mas o *locus* privilegiado de articulação do social, a ação dos atores e de suas estratégias) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia. O

* Palestra proferida na mesa-redonda “O documento em história da psicologia: o oral e o textual”, durante o III Encontro Clio-Psyché: Historiografia, Psicologia e Subjetividades – Paradigmas, realizado pelo Núcleo Clio-Psyché do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realizado de 27 a 29 de setembro de 2000, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

** Coordenadora do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas.

relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade.

Esse novo quadro na pesquisa histórica resultou em mudanças importantes nos conteúdos dos arquivos e na concepção do que é uma fonte, e coincidiu com as transformações das sociedades modernas. Por exemplo: as decisões que antes eram tomadas no curso de uma troca de correspondência, hoje em dia são tomadas por telefone, fax ou *e-mail*, muitas vezes sem deixar rastros em arquivos. Uma entrevista de história oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam. Outros registros sonoros (músicas, *jingles*, gravações radiofônicas), ou ainda fotografias, caricaturas, desenhos, filmes, monumentos, obras de arte e de arquitetura, são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo do passado, tendo havido, portanto, uma revisão do fetichismo da fonte escrita.¹

Atualmente, a história oral é uma metodologia claramente multidisciplinar, praticada por historiadores, antropólogos, sociólogos, folcloristas, cientistas políticos, educadores e psicólogos, entre outros. Ela se presta a interesses acadêmicos, pedagógicos, arquivísticos e terapêuticos. Há diversas correntes e modos de abordagem e possibilidades diferenciadas de objetos de estudo. No Brasil e no mundo, os praticantes da história oral se encontram em congressos periódicos, publicam artigos em revistas especializadas e reúnem-se em torno de associações (em 1994, foi fundada a Associação Brasileira de História Oral e, em 1996, a Associação Internacional de História Oral).

2. Indivíduo e biografia na história oral

O III Encontro Clio-Psyché tem como título “Historiografia, psicologia e subjetividades”. Em consonância com este tema, examinarei mais detidamente aqui o necessário ancoramento da história oral ao indivíduo e à sua biografia.

A consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado. O uso da biografia e dos métodos biográficos no estudo da história faz muito sucesso hoje em dia – haja vista o *boom* editorial das biografias, não só no Brasil como em todo o mundo.

¹ Sobre a inserção da história oral dentro da história e essas transformações na própria história, ver Ferreira, 1994.

A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo – elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que seria mais freqüente.²

Podemos eleger esse caráter central da biografia como algo comum à psicologia e à história oral, mesmo que ambas tenham propósitos claramente diversos ao lidar com a trajetória individual. O indivíduo e sua experiência concreta são o repositório das questões que tanto historiadores orais como psicólogos e psicanalistas investigam. Em outras palavras: sem indivíduos concretos não se pode fazer uma pesquisa de história oral e, creio, não se pode fazer psicologia e psicanálise.

Por causa desse caráter central do indivíduo e de sua biografia no trabalho de história oral convém ter claro que se trata de algo muito complexo. A idéia de história de vida, de biografia, é problemática porque pressupõe uma “unidade do eu”, que é ilusória – e aqui remeto especificamente ao clássico texto de Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”.³ Em linhas gerais, podemos dizer que Bourdieu chama a atenção para a *fragmentação do eu*, em oposição ao que ele chama de “ilusão de unidade do eu”. Esta última é a ilusão de uma identidade coerente e específica, embutida na idéia de vida como estrada, caminho, trajeto, corrida; como uma série única e suficiente de acontecimentos sucessivos; como um todo, com projetos e intenções, que segue uma ordem *cronológica* (uma lógica prospectiva e retrospectiva) e obedece ao postulado do *sentido* da existência. Para consubstanciar essa idéia, dispomos do nome próprio, da individualidade biológica e da assinatura, que asseguram a constância de uma unidade. Na verdade, diz Bourdieu, a individualidade é uma formidável abstração.

3. O exemplo de Fernando Pessoa

Bourdieu relaciona a fragmentação do eu ao advento do romance moderno, que abandona o relato linear. Um dos maiores exemplos dessa ausência da unidade do eu, na literatura, é Fernando Pessoa. Ao morrer, em 1935, aos 47 anos, Pessoa deixou um baú repleto de poemas, bilhetes, projetos de livros, cartas etc. – mais de 25 mil documentos, que se encontram atualmente na Biblioteca Nacional em Lisboa. Esses documentos

² Ver Levi, 1996.

³ Bourdieu, 1996.

foram escritos por seus heterônimos (em número maior que 15), a maior parte com biografia, data de nascimento, horóscopo, caligrafia e estilo literário próprios. Heterônimo não é o mesmo que pseudônimo; não se trata de produções de Fernando Pessoa publicadas sob nome falso. Heterônimos são personagens criados por Pessoa, que pensam diferentemente dele e têm estilos diferentes. Os mais conhecidos são Alberto Caeiro, poeta bucólico; Álvaro de Campos, poeta de vanguarda, e Ricardo Reis, adepto do classicismo abstrato e frio. Ricardo Reis, por exemplo, nasceu logo depois de Fernando Pessoa ter ouvido uma discussão sobre excessos da arte moderna, que o fez ficar pensando e imaginar uma teoria neoclássica, que achou bela e desenvolveu segundo princípios que ele mesmo não aceitava.

Outros heterônimos de Fernando Pessoa mostram com clareza matemática a impossível unidade do eu: Frederico Reis (primo de Ricardo, que escreveu uma crítica à poesia deste); Alexander Search (nascido em Lisboa e autor de cinco escritos em inglês); Charles Search (irmão de Alexander e tradutor); Barão von Teive (autor de um tratado pedagógico sobre a educação dos estóicos); António Mora (filósofo que passou seus últimos dias em uma clínica psiquiátrica, onde Pessoa o conheceu); Raphael Baldaya (autor de um tratado da negação e de outro sobre os princípios da metafísica esotérica, do qual havia um cartão de visitas, no baú, com a profissão “Astrólogo em Lisboa”); Charles Robert Anon (autor de escritos filosóficos em inglês); Abílio Quaresma (detetive particular que escrevia histórias policiais).

E Pessoa era tão radicalmente dividido em heterônimos que inventou mais um para ser o personagem fragmentado de seu drama em gente: Bernardo Soares, autor do *Livro do desassossego*, que se assemelha a *O homem sem qualidades* de Robert Musil (1880-1942). Como o homem sem qualidades, o autor do *Livro do desassossego* se recusa a ser aprisionado por uma essência ou pela linearidade de uma biografia. Nele, tudo é mutável, provisório, precário. O *Livro do desassossego* é uma anti-autobiografia. Bernardo Soares diz que o livro são impressões sem nexos, sem desejo de nexos, em que ele narra a sua *autobiografia sem fatos*, a sua *história sem vida*. Ou seja, não há curso da vida, trajetória, carreira. O que há é inatividade e impossibilidade de agir: “minha vida é um dia de chuva lenta, em que tudo é desacontecimento e penumbra”. Percebe-se, pois, a ausência de essência, a impossibilidade de exprimir totalmente a pessoa.

O exemplo de Fernando Pessoa é forte o suficiente para fazer frente à “ilusão de unidade do eu” que, no final das contas, é a que predomina no nosso dia-a-dia. Ele é um bom exemplo para se reter a fragmentação e a ausência de unidade do eu.⁴

4. Conclusão

Ao trabalhar com história oral, é sempre bom ter em mente que o relato de vida é apenas uma entre muitas possibilidades. O relato de vida costuma ser a apresentação oficial de si, que varia conforme o “mercado” no qual é oferecido – na família, geralmente, o que rege é a confiança; na esfera pública, o relato costuma ser mais formal. Ou seja, em um trabalho de história oral, a biografia, a trajetória individual, não é coisa dada, mas construída à medida mesmo em que é feita a entrevista. Se a pessoa tem o costume de refletir sobre sua vida, provavelmente já tem uma espécie de sentido cristalizado para alguns acontecimentos e percursos e pode preferir relatar esses, em vez de outros. Isso não quer dizer que aquele sentido seja falso ou não tenha relação com a realidade. É preciso ter claro, contudo, que ele não é a única possibilidade.

Referências Bibliográficas

- FERREIRA, M.M. “História oral: um inventário das diferenças.” Em: FERREIRA, M.M. (org.) *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- LEVI, G. “Usos da biografia.” Em: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (coord.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica.” Em: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (coord.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ALBERTI, V. “Um drama em gente: trajetórias e projetos de Pessoa e seus heterônimos.” Em: SCHMIDT, B. (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul (Edunisc), 2000.

⁴ Discuto em mais detalhes o exemplo de Fernando Pessoa em Alberti, 2000.